

Quem já teve oportunidade de ouvir Marion Minerbo em suas intervenções, apresentações ou de ler seus textos vai identificá-la com facilidade no livro "Estratégias de Investigação em Psicanálise", escrito a partir de sua tese de doutoramento. O espírito inquiridor posto a serviço da clareza de pensamento.

Nele a autora nos relata as transformações operadas em um psicanalista que se propõe a dar verdadeiramente conta de um sintoma: compulsão a comprar roupas de griffe. Sintoma intrigante porque poderia ser o meu ou o seu e, de fato o é, se lhe retirarmos a compulsão. Temos pois, nova oportunidade de reavaliar a velha divisão entre o clínico pacato, que não é dado a experimentações, e o investigador arguto. A verdade é que o trabalho clínico não dá descanso ao terapeuta e não permite, senão à custa de muita denegação, a sonhada tranquilidade. Quando um terapeuta se vê finalmente mais sereno com a formação adquirida que lhe valeu muitos anos de estudos e clínica supervisionada, aparece-lhe um paciente que põe

## Estratégias de investigação em Psicanálise

Resenha de Marion Minerbo, *Estratégias de Investigação em Psicanálise: Desconstrução e Reconstrução de Conhecimento*, São Paulo, Casa do Psicólogo, 2000, 172 p.

em questão seu eu kleiniano, ou freudiano, kohutiano, winnicottiano... Põe-se em risco até sua capacidade, mais arduamente conquistada, de escutar desde diferentes pressupostos escolásticos. Nossa profissão para não ser a profissão impossível exige uma contínua atividade investigativa e reflexiva que não respeita os limites do nosso consultório.

A abrangência do sintoma – compulsão a comprar roupas de griffe – aumenta se pensarmos, como propõe a autora, que as variações sobre o tema "comprar roupas de griffe" comporta sinonímias tais como: ser publicado em revistas de griffe ou ler livros de griffe, analisar-se com psicanalistas de griffe etc, etc... acrescentaríamos. Nós contamos com a possibilidade de sustar ou de satisfazer esta necessidade, a paciente não.

Estaremos aqui diante do já constatado contínuo entre a doença e a chamada normalidade? A autora não se contenta com esta fácil resposta. Faz sua a estrutura da questão kantiana

e se pergunta: quais as condições de possibilidade de um sintoma como este que deixa muito às claras sua determinação cultural? Desta pergunta segue-se o livro com a sistematização de quatro gêneros de resposta, quatro versões que são produto de diferentes concepções de psiquismo ou de relação psique-mundo.

Na versão freudo-kleiniana temos uma relação com o mundo construída por projeção ou por identificação projetiva pela paciente. Se o psicanalista for de alguma outra corrente psicanalítica o papel de determinação do mundo sobre o sintoma se restringirá também ao meio familiar, à sua

capacidade de *reverie*, à história, aos significantes fornecidos. Basicamente a forma pela qual o mundo entrará no consultório psicanalítico será através da identificação com os objetos primários. Esta resposta, no entanto, deixaria insatisfeitos aqueles que, por ventura, se engajaram, como a autora, na especificidade, na atualidade e no que "foucaultianamente" chamaríamos de o incitamento maciço deste sintoma em nosso tempo. Com isto a historicidade do inconsciente adentra o consultório. E o livro faz-se ainda mais interessante para o leitor.

A segunda versão considera o enfraquecimento que sofreu a família como mediadora social. Considera a importância cada vez maior do "espírito de época", dos valores sociais, de sua penetração na família edipiana e desde aí na constituição do sujeito. O livro examinará autores significativos na compreensão da chamada "cultura do narcisismo" em que estamos mergulhados, no estudo dos efeitos da sociedade de consumo sobre o psiquismo individual. Com este referencial o sintoma de Bia, a paciente que sofre da compulsão a comprar roupas de griffe, ganha mais inteligibilidade. Bia torna-se exemplar para a compreensão de um novo tipo de subjetividade. Seu sintoma passa a ser visto como uma maneira de recuperar-se, uma forma de narcisismo regenerador necessário uma vez que ninguém escapa, e alguns adoecem, pela implantação de ideais inatingíveis de corpo e de satisfação inventados pela sociedade de consumo.

O percurso do psicanalista ligado à sua pergunta-guia continuará já que ainda não está respondido por que a paciente da segunda versão compra roupas de *griffe*. Ela poderia ser anoréxica, bulímica, viciada em musculação. De onde nos vem, pergunta-se Marion, a propensão a projetar aspectos narcísicos justamente sobre esse objeto, a roupa de *griffe*?

Na terceira versão vemos que, assim como o psiquismo materno, a sociedade de consumo produz significações próprias que são ativamente inoculadas no sujeito. Ou seja, o psiquismo possui uma dimensão institucional. Uma parte de nossa psique está fora de nós mesmos. Isto nos torna aptos para a vida social e, ao mesmo tempo, desapaosados, alienados nas instituições sociais. Nos faz pensados por elas.

Bia firma um contrato estreito com a sociedade de consumo que lhe oferece os benefícios narcísicos de que a sua família de origem a privara e paga pelo benefício auferido devotando-se ao consumo. Coberta de *griffes* ela se vê guindada à mesma posição que suas amigas ocupam, torna-se uma

mulher de classe. Em contrapartida ela cede todo seu espaço mental ao consumo: "Seu lazer é o shopping center, sua comida é o fastfood, sua cultura é a televisão, sua principal ocupação é comprar". O sintoma de Bia mostra-se, de forma inequívoca, culturalmente determinado. Bia sofre de um mal epidêmico. Que mal será este?

A quarta versão examina a possibilidade da existência de uma psicopatologia típica da época em que vivemos, uma época que teria sofrido grandes mudanças culturais, sociais, econômicas. Viveríamos uma crise representacional, caracterizada, ao mesmo tempo, por um esvaziamento e uma imensa proliferação imaginárias ao lado de uma descrença no pensamento fundamentador. Minerbo nos oferece um percurso através de vários autores compro-

metidos com a reflexão sobre nosso tempo e de volta à psicanálise encontra nos conceitos psicopatológicos de Fábio Herrmann um lugar específico para o caso Bia. Ela o situa entre as psicoses de ação onde o ato puro, efeito último da desvinculação entre pensamento e ato, toma o lugar da representação. Em Bia as possíveis representações de classe, de distinção social estão concretizadas em atos-representação. É no ato de comprar o objeto de *griffe*, de comprar a *griffe* e de portá-la que Bia consegue não pensar, anular suas representações obsidiantes de desvalia social e gozar a efêmera pertinência ao mundo dos ricos, belos e famosos. Não é devaneando, nem estruturando um delírio de ascendência que Bia é seu ideal. Ela, como pensa Marion a partir das idéias de Fábio Herrmann, não pode dispensar a concretude e eficácia indubitável do ato como tantos outros compelidos a "malhar", a trabalhar, a cuidar da beleza, a jogar videogames, a executar exaustivos roteiros de férias...

Porém mais do que uma reflexão psicopatológica o livro de Marion Minerbo, como ela faz questão de frisar, é uma reflexão sobre o método utilizado para a escolha e leitura da bibliografia, para examinar a vinculação do psicanalista com sua formação e sobretudo para enfocar seu objeto de estudo.

Ela procede por desconstruções sucessivas das noções de relação psique-mundo até chegar à última versão, onde qualquer dicotomia entre ambas categorias é desfeita.

**Marilsa Taffarel** é psiquiatra e psicanalista ligada à SBPSP, mestre em filosofia pela PUC.